

### **3 BASES DE DADOS**

Neste capítulo descreveremos como foram obtidas todas as estimativas que compõem nossa base de dados. Mostraremos como chegamos ao número final de escravos negros recebidos por cada país e como geramos a variável de escravidão da população nativa. Mostraremos também como obtivemos as estimativas de desigualdade por país e as variáveis que utilizamos como controle e para fazer os testes de robustez.

Os países que fazem parte de nossa amostra se caracterizaram pela utilização intensiva de escravos negros a partir do período das grandes navegações transatlânticas. Foram escolhidos países que, segundo determinados autores, não eram dotados de uma população negra escrava até o início das viagens negreiras. Fazem parte de nossa amostra todos os países da América (Engerman e Sokoloff, 1994 1997 2001), países do Norte da África (Austen 1988 1992), Cabo Verde e Ilhas Maurício (McEvedy e Jones, 1978), que não eram dotados de população negra inicialmente e sofreram processo de colonização semelhante aos países americanos, além de Itália, Espanha e Portugal, países europeus que tiveram uma parcela da população negra utilizada como escrava (Russel, 2004).

#### **3.1. Medindo a intensidade do regime escravocrata**

Para obtermos informações em relação ao número de escravos desembarcados em cada país, compilamos observações contidas em bases de dados distintas que continham informações acerca do tráfico negreiro transatlântico.

Uma das bases de dados utilizada foi a TSTD (*Transatlantic slave trade database*). Essa base compila informações de quase 80% do tráfico negreiro ocorrido entre 1500 - 1870. Através da TSTD podemos obter informações como o local de partida e de chegada do navio negreiro, o número de escravos transportados, local de embarque e desembarque, o número de escravos embarcados e desembarcados, a taxa de mortalidade na viagem, a origem do navio, entre outros.

Curtin (1969) realiza um censo sobre tráfico transatlântico de escravos negros para a América e para as ilhas africanas. O autor estima que um total de 9,56 milhões de escravos desembarcou nesses países com uma margem de erro de 20% (sendo que 11,2 milhões foram embarcados a partir dos países africanos).

Eltis (2001), um dos organizadores da TSTD, dá uma versão mais completa sobre as estimativas geradas pela base de dados anteriormente citada. O autor estima que um total de 9,6 milhões de escravos chegou a desembarcar nos países da América e África, contra uma estimativa de 11 milhões de escravos embarcados a partir dos países africanos. A diferença entre o número embarcado e desembarcado nos mostra que a taxa de mortalidade nas viagens negreiras era significativa, ficando próximo a 15% do total embarcado.

Usamos os trabalhos desenvolvidos por Austen (1988 1992) que são focados no comércio escravo trans-sahariano e trazem em números o fluxo de escravos da África negra para o norte da África.

*“O Egito fora, desde o início do período islâmico, um dos maiores centros de tráfico de escravos negros... Devido à riqueza do Egito e sua elevada densidade populacional (assim como à necessidade de mão-de-obra para o campo) ele absorveu uma ampla quantidade de escravos importados para sua própria sociedade... O que podemos concluir é que os negros formaram uma proporção significativa das sociedades urbanas do Egito e do norte da África. Para o Magrebe (parte ocidental do norte da África) essa*

*impressão é reforçada pela proeminência de cultos religiosos na Argélia e Tunísia*".<sup>10</sup> (Austen 1992)

Usaremos também informações contidas em Russel (2004) que explicita o período inicial das viagens atlânticas dos países europeus e enumera os principais países receptores e a quantidade total de escravos recebidos.

McEvedy e Jones (1978) estimam para quase todos os países do mundo a evolução histórica de sua população. Em alguns casos o autores comentam sobre a composição populacional do país em sua formação e oferece algumas estimativas sobre o número de escravos utilizados.

Inicialmente, divididos em intervalos de 25 anos, o que representa a expectativa de vida média dos escravos negros nas Américas (Fogel e Engerman 1974), somamos o número de escravos desembarcados por cada país no período entre 1400-1850. Para evitar que o tamanho de cada país contamine as estimativas (quanto maior o país, maior tende a ser a quantidade de escravos recebidos por este), levamos em conta a população existente em cada país no período delimitado (McEvedy e Jones 1978) e normalizamos o número de escravos recebidos pela variável de população.

Como nossa base de dados é composta pela junção de várias estimativas de tráfico de escravos, cabe aqui explicitar para cada país como chegamos ao número final de escravos recebidos.

Primeiramente, para um conjunto mais agregado de regiões, estimamos o fluxo total de escravos desembarcados utilizando Eltis (2001) para os países da América, Austen (1988 1992) para o norte da África, Russel (2004) para a Europa e Curtin (1969) para as ilhas africanas. Com base nesses autores, temos estimativas agregadas por alguns grupos de países. Esses são Brasil, Caribe Holandês, Caribe Espanhol, América Espanhola continental, Haiti, Windwards francesas, Guianas, Barbados, Jamaica, Windwards Inglesas e Trinidad, Leewards Inglesas, América do Norte Inglesa, Itália, Portugal, Espanha, Egito, Líbia,

---

<sup>10</sup> Tradução do autor.

Marrocos, Argélia, Tunísia, Cabo Verde, Ilhas Maurício, São Tomé e Príncipe, outros países da África e outros da América. Após a obtenção desses números, fazemos as correções de migração interna propostas por Eltis (2001) e Curtin (1969). Essas correções são: a) 85% dos escravos que chegaram ao Caribe Holandês foram redirecionados para a América Espanhola; b) 15% antes de 1700 e 20% entre 1700-1808 dos escravos que chegaram à Jamaica foram direcionados às províncias de Vera Cruz (México), Portobello (Panamá), Cartagena (Colômbia) e Caracas (Venezuela); c) 4% dos escravos que chegaram a Barbados foram direcionados à América Espanhola; d) Área do Rio da Prata (Argentina e Uruguai) tem a população escrava dobrada a partir de tráfico interno com o Brasil; e) 182.200 dos escravos provenientes a Barbados são realocados para Martinica; f) 121.600 dos escravos com destino à Jamaica são realocados para Martinica e g) 211.400 escravos chegados à Jamaica foram distribuídos para Guadalupe.

Agora, em posse do número de escravos recebidos por região, nossa dificuldade passa a ser desagregar essas informações por cada país existente em nossa amostra. Nos casos do Brasil, Haiti, Jamaica, Barbados, Itália, Portugal, Espanha, Egito, Tunísia, Marrocos, Líbia, Argélia, Cabo Verde, Ilhas Maurício e São Tomé e Príncipe após as correções de migração interna, dividimos o número de escravos desembarcados de 25 em 25 anos pela estimativa de população no período e obtivemos nossa variável de interesse.

Para alguns países conseguimos obter, ainda que de forma incompleta, uma primeira estimativa do total de escravos desembarcados. Essa informação nos é gerada diretamente pela TSTD. O quadro 3 mostra o número de escravos recebidos por cada país que essa base rastreia. Esse dado nos é primordial, pois, a partir dele conseguiremos verificar qual foi a proporção de escravos alocadas para países do mesmo grupo e assim desagregar a base de dados mais completa (Eltis 2001). Os países para os quais utilizamos diretamente esse artifício são Antigua, Bahamas,

Dominica, República Dominicana, Granada, Guiana, Guiana Francesa<sup>11</sup>, São Cristóvão e Neves, Santa Lucia, Suriname, São Vicente e Granada e Trinidad e Tobago. Por exemplo, segundo a TSTD os três países que compõem o grupo da Guiana (Guiana, Guiana francesa e Suriname) receberam um total de 241.128 escravos, sendo 80% para o Suriname, 15% para a Guiana e 5% para a Guiana Francesa. Nossa base de dados final nos mostra que esses países receberam um total de 458.705 escravos. Com base nesse número final e na proporção gerada pela TSTD chegamos ao número final de 366.555 (80%) escravos recebidos pelo Suriname, 69.610 (15%) pela Guiana e 22.540 (5%) para a Guiana francesa. Da mesma forma que fizemos para os países maiores, dividimos o fluxo de escravos de 25 em 25 anos e normalizamos pela população do período para chegar à nossa variável. O mesmo exercício foi feito para os países que estão contidos nos grupos Caribe Holandês, Windwards francesas, Windwards inglesas e Trinidad e as Leewards inglesas.

Um grupo em especial é composto pelos países da América Espanhola e do Caribe espanhol. A fim de desagregar essas informações, utilizamos Curtin (1969). Segundo o autor as estimativas podem ser quebradas por sub-regiões da seguinte forma: grande Colômbia (Colômbia e Panamá), Chile, América Central continental (acrescida Belize e excluído o Panamá), México, Cuba, Venezuela, Cone Sul (Argentina e Uruguai), Porto Rico e um grupo formado por Bolívia, Equador, Paraguai e Peru. A partir dessas informações, fazemos exercício semelhante ao feito para as Guianas para alocar o total de escravos desembarcados na América Espanhola por sub-regiões. Para os países com estimativas desagregadas fazemos a normalização pela população local no período. A fim de quebrar as estimativas das sub-regiões utilizamos de dois artifícios. Nos casos da grande Colômbia e do Cone Sul usamos a proporção dada pela TSTD de escravos

---

<sup>11</sup> Não colocamos a estimativa final no quadro 3 por não termos estimativa de índice de Gini para esse país.

desembarcados nesses dois países e fazemos exercício semelhante ao feito para as Guianas.

Como a TSTD não tem registro de escravos alocados para os países da costa do pacífico da América do Sul e da América central continental não podemos desagregar da mesma forma como apresentada anteriormente. Para contornar esse problema, o artifício usado foi extrair informações via proporção de negros na população de cada país hoje. Lagerlöf (2005) mostra, usando informações de condados americanos, que a correlação entre população escrava no passado e população negra hoje é bastante alta. Como esse resultado é válido para um mesmo país, no qual a migração ocorre com maior facilidade, o mesmo é esperado ocorrer entre países. Para obter informações sobre o percentual de afro-descendentes na população hoje utilizamos dados provenientes do *CIA World Factbook* (2006). Escolhemos somente o percentual de declarantes de raça negra, não incorporando em nossa base os pardos para evitar possíveis erros na hora da desagregação. Tomemos como exemplo os países da América central continental (exceto Panamá). Nossa base por sub-regiões nos informa que um total de 30.000 escravos foram alocados para esses países. Com base na informação obtida a partir do *CIA World Factbook* estimamos qual seria a população de afro-descendentes hoje nesse grupo de países. Assim vemos que 30% desses residem na Nicarágua, 30% em Belize, 15% em El Salvador, 10% na Costa Rica, 8% na Guatemala e 7% em Honduras. Dessa forma, alocamos de forma proporcional à população negra hoje a quantidade de escravos recebidos por cada país. O mesmo exercício é feito para a outra sub-região que não é captado pela TSTD, o grupo formado por Equador, Paraguai, Peru e Bolívia. Com o número final, fazemos a normalização pela população local no período entre 1400-1850.

Para os países da América do Norte britânica (EUA e Canadá) fazemos o mesmo exercício utilizando a proporção de população negra hoje e normalizamos o final pela estimativa de população na época.

Um ponto importante cabe ser colocado aqui. A forma de mensurar escravidão via desembarque de escravos apresenta alguns problemas.

*“Enquanto a importação de africanos certamente contribuiu para o crescimento da população de escravos das colônias americanas, esses foram de importância secundária em explicar isso... Esse é outro contexto no qual a experiência americana foi diferente dos países da América Latina. Nas Índias ocidentais britânicas e francesas, no Suriname, e no Brasil, a taxa de mortalidade dos escravos era tão alta, e a taxa de natalidade tão baixa que esses territórios não conseguiriam sustentar seus níveis populacionais sem a importação de africanos”*<sup>12</sup> (Fogel e Engerman 1974)

Os EUA possuíram um estilo oposto de escravidão ao ocorrido na maioria dos demais países da América. O Brasil, por exemplo, caracterizou-se por ser um grande importador de escravos, não tendo incentivado o crescimento vegetativo da população negra. Isso pode estar relacionado a um custo mais baixo de importação de escravos, devido a uma menor distância em relação aos países exportadores. Isso diminuía sensivelmente o custo de importar escravos, o que pode ser constatado pela menor taxa de mortalidade das viagens negreiras para países do mesmo hemisfério e com fronteira oceânica comum<sup>13</sup>. Já os EUA se caracterizaram por um baixo percentual de escravos importados, sendo a geração de mão-de-obra negra derivada de uma dinâmica de crescimento interno.

O ideal seria uma variável que nos informasse qual fora o percentual da população escravizada em cada país. Como não foi possível obter essa medida, nossa variável parece ser boa *proxy* para o quanto cada país foi intensivo na utilização de escravos africanos.

*“Quais foram os fatores que fizeram com que a experiência demográfica dos escravos dos EUA fosse tão mais favorável que a de suas contrapartidas caribenhas?... Muito da explicação desse fato recai em fatores que são independentes do tipo de crueldade*

---

<sup>12</sup> Tradução do autor.

<sup>13</sup> Estatística disponibilizada mediante requisição.

*ou bondade de seus mestres. Não há dúvida de que uma pior alimentação e jornadas de trabalho mais intensas contribuíram para a elevada taxa de mortalidade de negros no Caribe... Malária, febre amarela, tétano, disenteria, varíola, e um conjunto de outras doenças eram mais difundidas e virulentas em climas tropicais que em climas temperados”*<sup>14</sup> (Fogel e Engerman 1974).

A diferença na taxa de mortalidade de negros pode gerar viés em nossa estimativa. Países podem ter recebido mais escravos simplesmente por que a taxa de mortalidade era maior. Como nossa variável tenta rastrear a intensidade na utilização de escravos por país, esse problema parece relevante.

Outro possível viés decorre da diferença na duração do regime escravocrata. Países podem ter recebido muitos escravos em um curto período, mas a utilização de escravos pode não ter se institucionalizado. Isso geraria um viés em nossa estimativa, pois consideraríamos esse como um país que utilizou intensivamente a escravidão, mas, na verdade essa não foi característica principal em seu desenvolvimento.

*“É impressionante o quão rápido, por critérios históricos, a instituição da escravidão desapareceu após as campanhas abolicionistas ganharem momento... o ano em que a sociedade inglesa de amigos decidiu expulsar qualquer membro engajado no tráfico escravo (1774) parece ser o marco do início do processo abolicionista... O primeiro país a declarar a abolição foi a ilha da Madeira em 1775, passando pelo Haiti em 1804... A escravidão foi abolida em seu último reduto – Brasil – em 1888.”*<sup>15</sup> (Fogel e Engerman 1974).

A instituição de escravidão negra não foi a única utilizada pelos colonizadores a fim de obter vantagens no custo de mão-de-obra. A

---

<sup>14</sup> Tradução do autor.

<sup>15</sup> Tradução do autor.

escravidão da população nativa, principalmente na América Espanhola, foi utilizada para trabalhos em exploração de ouro e prata e para produção do tipo *plantation*. “*Em áreas prósperas e densamente povoadas, os europeus introduziram ou mantiveram instituições extrativas existentes, a fim de forçar as populações locais a trabalhar em minas e latifúndios, e tomando sistemas de tributos pré-existentes.*”<sup>16</sup> Engerman e Sokoloff (1997).

Foram utilizadas cinco medidas diferentes para a escravidão nativa. A primeira baseada em Engerman e Sokoloff (1997 2000 2003) é uma variável *dummy* que indica quais os países que usaram prioritariamente escravos nativos (vide quadro 2 - Escravidão Nativa). As outras medidas que utilizamos foram: (i) o logaritmo da população de cada país em 1500; (ii) a razão da população em 1500 pela população em 1850; (iii) a população em 1500, normalizada pelo tamanho de cada país hoje e (iv) as estimativas do grau de urbanização de cada país em 1500, baseado no trabalho de Acemoglu, Johnson e Robinson (2002). A primeira variável é a preferida em termos de estimação. No capítulo 5, mostraremos como nossa hipótese é robusta a essas diferentes formas de mensurar a variável.

### **3.2. Gerando a variável de desigualdade**

A obtenção de informações sobre desigualdade para cada país sempre foi uma tarefa árdua para pesquisadores. Diferenças metodológicas, de abrangência das estimativas e qualidade dos dados dificultavam a obtenção de estimativas *cross-countries* com essa variável. Entretanto, o trabalho de Deininger e Squire (1996) compilou informações sobre índices de Gini e quintis de renda para vários países, o que representou uma melhora significativa nos estudos sobre desigualdade. Uma segunda geração de dados surge com a WIID2 (World Income

---

<sup>16</sup> Tradução do autor.

Inequality Database 2), base de dados do Banco Mundial, que ampliou a primeira versão e qualificou as observações.

Nosso universo de estimativa usa informações, a partir da WIID2, de pesquisas populacionais que utilizam a variável renda para obter estimativas de desigualdade. A WIID2 possui um índice de qualidade das estimativas, sendo esses divididos em níveis de 1 a 4. Para o trabalho, utilizaremos somente dados de qualidade 1 e 2, por serem mais confiáveis. Usaremos a média do índice de Gini nos últimos 30 anos para cada país de nossa amostra.

Todavia, a base WIID2 ainda não se encontra completa, não sendo possível obter indicadores de desigualdade para todos os países da amostra. Para os países faltantes, coletamos dados a partir de pesquisas populacionais e obtivemos seus respectivos índices de Gini. Essas são provenientes da WBCAS, INE, World Bank (2005), Maurício (2001), PNUD (2002) e Djick *et ali* (2000). O quadro 1 mostra o valor e a fonte do índice de Gini utilizado para cada país.

### **3.3. Gerando as variáveis para robustez**

Nessa seção iremos desenvolver as variáveis que utilizaremos para os testes de robustez do capítulo 5. As variáveis que iremos usar mensuram qualidade institucional, mercado de crédito, provisão de bens públicos e geografia.

As informações sobre instituições são provenientes de três bases de dados diferentes. Baseando-se nos trabalhos de Acemoglu, Johnson e Robinson (2000) e Easterly e Levine (2002), coletamos as variáveis da *Freedom House*, que mensuram direitos políticos e liberdade civil. Essas estão disponíveis em série de tempo, o que nos permite rastrear o comportamento dessas nos últimos 30 anos. De Holmes, Johnson e Kirkpatrick (1997) obtivemos uma medida de direitos de propriedade. Da *Political risk services* utilizamos uma medida do grau de corrupção, de qualidade do sistema jurídico, do grau de burocracia e uma medida de risco político geral.

Para as informações sobre mercado de crédito, usamos informações do *World development indicator* (crédito privado, crédito doméstico e M2) e de Levine (2002) (crédito Levine, crédito bancário e passivo líquido).

Dentre as variáveis de investimento público, escolhemos a taxa de matrícula, escolaridade em 1970, escolaridade em 2000, log da mortalidade infantil, investimento em saneamento e número de leitos por mil habitantes. Essas variáveis parecem refletir bem o interesse do estado em realizar políticas voltadas para melhoria de condições de vida da população mais pobre e que dêem condições para que haja ultrapassagem da armadilha de pobreza. Essas variáveis são provenientes da base WDI do Banco Mundial, CIA World *Factbook* (Taxa de matrícula, mortalidade infantil, gastos em saneamento e leitos por mil habitantes) e Barro e Lee (2000).

Com o intuito de testar a hipótese de que variáveis geográficas explicam a intensidade de utilização de mão-de-obra escrava e também desigualdade, utilizaremos variáveis como latitude (que é significativa para explicar o índice de Gini), a variável desenvolvida por Easterly (2000), área tropical de cada país e população de cada país que habita em zona tropical, retiradas de Sachs e Warner (1998).